

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

**BIBLIOGRAFIA. HANS GEORG NIEMEYER ET AL. - TOSCANOS. DIE ALTPUNISCHE
FAKTOREI AN DER MÜNDUNG DES RIO DE VELEZ.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1969 | Número: 79

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Bibliografia. Hans Georg Niemeyer et al. - Toscanos. Die altpunische Faktorei an der Mündung des Rio de Velez. *Revista de Guimarães*, 79 (3-4) Jul.-Dez. 1969, p. 325-329.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

monografia sobre a *Citânia e Sabroso*. A procedência das estampas reproduzidas é também por vezes erradamente indicada e outras vezes omissa. Mas são pequenas coisas que não diminuem o valor deste livro de vulgarização, perfeitamente útil, em especial para o viajante de língua inglesa interessado no conhecimento resumido da história primitiva da Península, e na apreciação directa dos seus mais vetustos e notáveis monumentos do passado.

M. C.

HANS GEORG NIEMEYER, HERMANFRID SCHUBART e MANUEL PELLICER CATALÁN, *TOSCANOS. Die altpunische Faktorei an der Mündung des Rio de Velez*. Tomo I: Campanha de escavações de 1964. Berlim, 1969, IX + 127 pp., 38 est. e 16 mapas e plantas, ed. de Walter de Gruyter & C.º. Formato 22 x 31 cm.

Toscanos é o topónimo de uma granja ou herdade andaluza (*cortijo*), onde existe um pequeno grupo de edifícios agrícolas, cujo actual proprietário parece descender de imigrantes italianos que, segundo a tradição, ali se teriam estabelecido, vindos da Toscana no século XVIII, durante o reinado de Carlos III. De aí o nome do lugar, resultante da origem étnica dos seus antigos habitantes. Fica situado junto à costa mediterrânea a poucos metros da margem direita do pequeno Rio Velez, que desce para o mar pela vertente sul da Serra de Alhama e desagua a uns 6 quilómetros a sul da cidade de Velez-Málaga, cortado, junto à foz, pela ponte da estrada que liga Málaga a Almeria e atravessa a pequena povoação de pescadores de Torre del Mar.

Toscanos assenta na encosta de uma colina de pouca altura ladeada por dois outeiros, um do lado poente chamado o *Peñon*, que fica da parte da margem direita do Rio Velez, com cerca de 90 m. de altitude acima do nível do mar; outro do lado nascente, chamado *Cerro del Mar*, de uns 50 m. de altura, situado da parte da margem esquerda do mesmo rio.

Este pequeno trecho da zona andaluza da costa mediterrânea foi, na Primavera de 1964, de fins de Fevereiro a 21 de Março, submetido a uma exploração arqueológica dirigida por dois investigadores alemães que trabalham na Secção madrilenha do Instituto Arqueológico Alemão,

os Drs. Hans Georg Niemeyer e Hermanfrid Schubart, e por um espanhol, o Dr. Manuel Pellicer Catalán, Prof. da Universidade de Madrid, aos quais também prestou colaboração o Dr. Wilhelm Schüle, de Göttingen.

Do resultado destas explorações foram publicadas duas edições, uma com o texto em alemão e luxuosamente apresentada em grande formato (22 × 31 cm.) editada por aquele Instituto e constituindo o Vol. VI da Série «Madrider Forschungen»; a outra, mais modesta e menos opulenta na documentação gráfica, redigida em castelhano, constitui o Vol. 66 da Série «Excavaciones Arqueológicas en España», do Serviço Nacional de Escavações Arqueológicas.

Apesar das explorações incidirem nos três locais — Peñon, Cerro del Mar e Toscanos — foi este último lugar que mereceu a principal atenção dos arqueólogos realizadores desta campanha, onde localizaram uma feitoria páleo-púnica, de meados do 1.º milénio a. C.

Já cerca de 30 anos antes, o grande iberólogo Adolfo Schulten tinha procedido a pesquisas e sondagens nesta mesma zona mediterrânea que o levaram a localizar no Peñon a antiga colónia grega de *Mainaké* (A. Schulten, *Mainake, eine griechische Kolonie in Spanien*, «Forschungen und Fortschritte» 15, 1939), e no Cerro del Mar a cidade ibero-romana de *Maenuba* que as antigas fontes escritas (por ex. Plínio, III, 8, 11, 12 e Mela, II, 94) davam como situada perto daquela cidade greco-ibérica.

As conclusões a que chegaram, porém, os novos exploradores do local levaram-nos a rejeitar as hipóteses de Schulten, que consideraram faltas de prova convincente, tanto do ponto de vista arqueológico como histórico. Assim, no que respeita a *Mainaké*, que Schulten primeiramente situou no Peñon, e em seguida preferiu no Cerro del Mar, para depois voltar a optar pelo Peñon, concluíram os Srs. Niemeyer, Schubart e Pellicer que este último cerro teria de facto sido ocupado desde uma época primitiva, talvez por volta de começos do séc. VIII a. C.. Mas os restos de construções que Schulten considerou de casas ibéricas e romanas, dataram-nos os novos pesquisadores, à luz das prospecções que efectuaram, como sendo já da época árabe, calculando inclusivamente que o famoso hispanista tivesse confundido a cerâmica árabe pintada com a cerâmica ibérica, aliás por demons-

trar a existência no local de elementos desta última cultura. Os lanços de muralha que Schulten atribuiu à velha colónia grega foram agora considerados da época medieval, como pertencentes a um povoado árabe; e aquilo a que Schulten deu o nome de «Porta de Mainaké» não passaria do simples corte numa pedreira ali explorada. Em suma, afirmam os AA. que *«die topographischen Gegebenheiten und die Suchschnitte der Grabung 1964 sagen eindeutig aus, dass die griechische Kolonie Mainake nicht auf dem Cerro del Peñon gelegen haben kann»*.

Por outro lado, a localização de *Maenuba* proposta por Schulten no Cerro del Mar foi igualmente contestada, pois os exíguos achados ali recolhidos revelaram apenas restos de um pequeno povoado, com construções de reduzido tamanho, talvez datados do último século a. C., e alguns fragmentos de *terra sigillata* já do primeiro século A.D.

Quanto ao lugar de Toscanos, objectivo principal do estudo de Niemeyer-Schubart-Pellicer, pouca importância lhe havia dedicado Schulten, pois concentrara toda a sua atenção especialmente nos sítios elevados do Peñon e do Cerro del Mar, imaginando, aliás sem quaisquer dados positivos, ali situadas as acrópoles de duas antigas cidades fortificadas, sem reflectir na situação que Toscanos oferecia para o estabelecimento de uma feitoria arcaica, que evidentemente exigiria uma posição tão próxima do mar quanto possível, própria para o tráfego de um empório comercial, como, de facto, os achados recentes revelaram ter ali existido na época páleo-púnica. É certo que Schulten foi mais um grande historiador do que um perspicaz arqueólogo, e vivia intensamente os acontecimentos da nossa mais antiga história, recompondo-a de um modo excessivamente subjectivo, aliás literariamente atraente, a que a sua larga erudição humanística o conduzia. Mas os relatos, por vezes fantasiosos ou vagos, dos textos clássicos nem sempre concordam com os dados da arqueologia. Foi verdadeiramente feliz, por exemplo, nas escavações que lhe permitiram documentar inteiramente as descrições de Apiano sobre a guerra celtibérica, e lhe deram ensejo para escrever a sua monumental obra sobre a História de Numância; outro tanto já lhe não correu de modo tão favorável, quando procurou inutilmente localizar Tartessos na foz do Guadalquivir.

Ora os novos pesquisadores da zona arqueológica de Toscanos puderam recolher com felicidade elementos materiais que lhes permitiram uma documentação perfeita das conclusões a que chegaram. O trabalho de campo, em escavações praticadas através de quatro estratos, foi tècnicamente irrepreensível e fecundo, em especial de achados de cerâmica de variadas formas, espécies e procedências, que constituíram elementos preciosos e decisivos para a definição da cultura, evolução e cronologia daquela estação: — fragmentos numerosos de vasos policromos páleo-púnicos, de cerâmica feita à mão, de cerâmica grega e romana, de *terra sigillata* vermelha e clara, de cerâmica argilosa ou cinzenta, etc.

Quanto à cronologia de Toscanos, os dados recolhidos indicaram o século VIII a. C., relativamente a uma feitoria primitiva ali fundada por fenícios, faltando contudo achados púnicos ou ibéricos de carácter mais moderno. Este facto, conjugado com o de certos achados em estratos superiores, já da época imperial, de restos de construções romanas tardias e de cerâmicas do séc. IV A. D., prova que a feitoria *páleo-púnica* de Toscanos não terá talvez durado mais que um ou dois séculos, ficando desde então o lugar, abandonado, se bem que as relações comerciais deste empório revivessem mais tarde com um repovoamento do local.

Resumindo: o estudo dos Srs. Niemeyer-Schubart-Pellicer pode considerar-se modelar, minucioso e exacto no exame comparativo dos elementos encontrados, principalmente ceramológicos, seguro e preciso nas conclusões de carácter histórico e cronológico, completo de pormenores elucidativos. A obra vem acompanhada de 7 estampas coloridas e 17 desenhos com os correspondentes perfis de cerâmicas policromas e vermelhas, e de outras feitas à mão, procedentes de Toscanos; 4 estampas com desenhos e perfis de cerâmicas encontradas nos Cerros del Peñon e del Mar; 10 estampas fotográficas com aspectos panorâmicos e de restos de construções destas três estações arqueológicas da foz do Rio Velez; finalmente, 16 cartas, plantas topográficas, perfis cotados e com todos os pormenores das escavações.

A edição alemã é de primorosa perfeição gráfica, como todas as da Casa Walter de Gruyter & C.º, de Berlim. A edição espanhola é mais discreta no formato

(18 × 25 cm.) e menos espectacular na apresentação, mas igualmente correcta e perfeita, com a vantagem de ser acessível aos estudiosos pouco familiarizados com a língua alemã.

M. C.

MÁRIO CARDOZO, *Os Lusitanos. Breve recensão dos ensaios para a investigação da sua origem etnológica*. Separata dos «Anais da Academia Portuguesa da História», Lisboa 1968, II série, vol. 17, 40 pp.

De há muito que os intrincados problemas referentes aos primitivos povoadores da Península Ibérica, vêm preocupando historiadores e etnólogos, sem que ainda se tenha chegado a um acordo que resolva definitivamente a questão.

Mário Cardozo, erudito presidente da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, estuda neste documentado trabalho a parte que se refere aos *lusitanos*, tema de sumo interesse para Portugal e muito debatido pelos historiadores do país vizinho.

Apoiado em Estrabão, fixa os limites da Lusitânia ante-romana na zona que vai do Tejo ao Cantábrico, confrontando a oriente com carpetanos, vaceus e vetões, território que sofreu variações com as posteriores divisões romanas em conventos jurídicos.

Sob o ponto de vista histórico os lusitanos aparecem claramente situados na primeira metade do século III a. C.; Avieno, porém, fala dos *æstrimnios*, como primitivos habitantes do Noroeste peninsular, os quais foram expulsos pelos *saefes*, povos celtas que se fixaram a norte do Tejo, estabelecendo-se os *cempsos*, também celtas, entre este rio e o Guadiana.

No Algarve estavam os *cónios*, que Schulten considera da origem ligúrica, assim como os *æstríminios*.

Da mescla destes povos autóctones com os celtas teria resultado a tribo dos lusitanos, que tão brilhante papel desempenhou na nossa antiga história.

Acompanhando os historiadores romanos, Mário Cardozo dá-nos as características geográficas do território da Lusitania, dos seus productos, usos e costumes dos habitantes, pormenorizando com abundância de testemunhos de grande utilidade para a etnologia actual.